



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de obras em sete campi de quatro
universidades federais do Rio Grande do Sul**

Santa Maria-RS, 03 de setembro de 2010

Meu querido companheiro, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, ex-prefeito de Porto Alegre, ex-ministro do meu governo e ex-presidente do Sindicato dos Bancários, companheiro Olívio Dutra,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,
Magnífico reitor Felipe Martins Müller, da Universidade Federal de Santa Maria,

Prefeito Cezar Schirmer, de Santa Maria,

Erli Pozzebon, de Silveira Martins, por intermédio de quem cumprimento os demais prefeitos aqui presentes,

Nosso querido companheiro, estudante, Pedro Sérgio da Silveira, por meio de quem cumprimento todos os alunos da Universidade Federal de Santa Maria,

Quero cumprimentar a magnífica reitora Maria Beatriz Luce, da Universidade Federal do Pampa, lá em Dom Pedrito,

Os prefeitos Francisco Alves Dias, de Dom Pedrito, e Cláudio Martins, de Jaguarão,

E também cumprimentar a estudante Ariane (incompreensível), por meio de quem saúdo os demais alunos da Universidade Federal do Pampa,

Lá em Rio Grande, eu quero cumprimentar o magnífico reitor João Carlos, da Universidade Federal do Rio Grande, e o senhor Fábio de Oliveira Branco, prefeito de Rio Grande, e o estudante Alexandre Islabão Bandeira, por intermédio de quem cumprimento os demais alunos da Universidade Federal do Rio Grande,



E em Porto Alegre, cumprimentar o magnífico reitor Carlos Alexandre Netto, da Universidade Federal do Rio Grande [do Sul], e o estudante Renan Arthur, por meio do qual saúdo os demais alunos da Universidade Federal do Rio Grande [do Sul],

Companheiros e companheiras de Santa Maria,

Companheiros das cidades da região,

Meus amigos da imprensa,

Companheiros estudantes, professores, funcionários das universidades da região,

Não seria necessário fazer uso da palavra, depois de ouvir tantos reitores, de ouvir prefeitos e de ouvir o nosso Ministro. Mas eu penso que muitos de vocês, daqui alguns anos, serão autoridades no meu país, serão autoridades nas cidades brasileiras e serão autoridades nas universidades e também nos estados brasileiros. E eu queria dizer para vocês a grande lição de vida e o grande legado que eu poderia deixar, depois de oito anos de mandato, e que pudesse servir de lição de vida para quem vier a governar as cidades, os estados e a União depois de mim, para quem assumir cargos importantes. Tem uma palavra mágica, e é uma palavra simples, que todo mundo sabe, mas que muitas vezes nós nos esquecemos. A palavra do sucesso é a palavra “óbvio”. Se cada um de nós fizesse apenas o óbvio, quando estamos no governo, nós não erraríamos e faríamos a revolução que estamos fazendo neste país nesse momento.

Uma vez, lá na Secretaria de Assuntos Estratégicos do governo, nós encomendamos um estudo para saber qual era a mais importante prioridade da sociedade brasileira, e essa pesquisa foi feita por telefone, pelos [com os] mais diferentes segmentos da sociedade, e entrevistamos milhares de pessoas, e só tinha uma unanimidade: todo mundo queria uma educação de qualidade. Era unânime: 100% dos pesquisados achavam que a solução do Brasil passava



por uma educação de qualidade. E aí, quando você perguntava se era possível atingir essa educação de qualidade, mais de 80%... Veja, 100% queriam educação de qualidade e mais de 80% não acreditavam que nós pudéssemos fazer educação de qualidade no Brasil, ou seja, era um povo que sabia o que queria, mas era um povo que tinha convicção de que os seus governantes não seriam capazes de atender aquilo que era a necessidade maior da sociedade brasileira.

Foi por isso que nós tomamos uma decisão no governo. Quando você vira governo – e vale para prefeito, vale para governador, vale para Presidente da República e vale para Reitor também –, você tem a parte do governo que quer fazer investimentos, você tem a parte do governo que quer fazer contenção de despesa para poder pagar aquilo que o Estado deve, e você tem aqueles que são os responsáveis pela arrecadação. Então, tudo o que você tenta fazer em um governo, aparece uma ou mais pessoas do governo dizendo: “Olha, não pode gastar. Nós não podemos aumentar o salário dos professores porque não podemos gastar mais. Nós não poderemos comprar equipamento para a universidade porque não podemos gastar. Nós não podemos dar dinheiro para saúde porque não podemos gastar”. Ou seja, tudo vira gasto e nada é tratado como se fosse investimento.

No primeiro ano de governo, nós, em uma reunião ministerial, eu tomei a decisão de que seria proibido, nas reuniões ministeriais e nas reuniões comigo, qualquer ministro utilizar a palavra “gasto” quando se tratasse de investimento em educação. Era proibido. Ora, porque nós éramos induzidos a entender que o principal de alguém que vai governar uma cidade, um estado, a União, é você fazer uma contabilidade, que no final do ano zere: você não tem despesa, você não fez nada, mas você não tem dívida. É isso que algumas pessoas gostam. Quando, na verdade, todo mundo sabe que para você colher no futuro, você tem que fazer investimento hoje e às vezes é preciso fazer alguma dívida para você poder ter retorno amanhã, depois de amanhã. Então, nós mudamos duas



décadas em que, no Brasil, só se pensava em ajuste fiscal e, quando nós ouvimos a palavra “ajuste fiscal”, significa aumentar imposto e significa reduzir salário. Toda vez que alguém falar em ajuste fiscal, vocês podem ter certeza que significa aumentar imposto e reduzir salário. Salário de quem? Da máquina pública, que, muitas vezes, foi acusada de ganhar muito, mas eu estou cansado de ver, como Presidente da República, gente de qualidade do governo, da máquina pública, que era tido como marajá há dez anos, ganhando R\$ 20 mil e ser cooptado por uma empresa multinacional para ganhar R\$ 200 mil, R\$ 300 mil por mês. Inclusive, gente, Fernando, de qualidade, de uma empresa como a Petrobras, que a gente que ganha muito quando ganha R\$ 40 mil e é convidado para ganhar US\$ 100 mil, US\$ 80 mil, para prestar serviço a empresas multinacionais.

Então, nós invertemos esse quadro. Quando se tratar de educação, nós temos que fazer investimento e não temos que medir as consequências desse investimento; temos apenas que ter a certeza que o dinheiro será bem aplicado e que nós teremos um retorno, com um grande cientista, com um grande pesquisador, com alguém que vai contribuir para o desenvolvimento do país.

A outra coisa que nós tomamos como decisão: no Brasil, Presidente da República e ministro da Educação não se reuniam nem com os estudantes e muito menos com os reitores. Eu não sei qual era o medo que os reitores causavam em ministros da Educação, que tinham sido reitores. É inacreditável. Possivelmente fosse o mesmo medo que os presidentes tinham de receber prefeitos, e vocês, prefeitos, sabem que a visão que se tinha na época é que, se o presidente fosse conversar com vocês, vocês iam pedir dinheiro para o presidente. Então, ele também não recebia prefeito. Então, imaginem o absurdo do absurdo: eu sou presidente de um país, em que eu não recebo reitores, em que eu não recebo prefeitos, em que eu não recebo estudantes, em que eu não recebo trabalhadores, não recebo as suas entidades; que diabo



eu estou fazendo na Presidência da República? Para quem eu estou governando? Afinal de contas, para quem é que nós governamos?

Veja, eu fui, desde 2003, em todas as marchas que os prefeitos fizeram em Brasília; eu não esperava o prefeito pedir uma audiência comigo, eu pegava todo o meu ministério – e vocês são testemunhas - e levava 30 ministros para participar da Marcha dos Prefeitos. Eles apresentavam as suas reivindicações; a gente, olhando um no olho do outro, dizia: “Nós podemos ou nós não podemos”. Mas por que um presidente haveria de ter medo de um prefeito? Por que um presidente haveria de ter medo de um reitor? Por que o presidente deveria ter medo de um estudante? Nesses dias, em Caruaru, o companheiro Fernando Haddad e eu tivemos uma surpresa: o Yann, presidente da Ubes, ele foi - preocupado - conversar comigo e com o Fernando Haddad e falar: “Olha, ministro, nós estamos com um problema aqui, porque, quando o presidente Lula tomou posse, nós apresentamos 13 pontos de reivindicação, 13 coisas, e agora vocês já atenderam tudo. O que é que a gente faz?”.

Na verdade, quando uma pessoa qualquer, por falta de inteligência política, acha que o governo cooptou a UNE ou a Ubes, na verdade, foram eles que cooptaram o governo para fazer aquilo que tinha que ter feito, como pagamento de dívida aos estudantes brasileiros.

Nós só aprendemos conversando com reitores. O que os reitores queriam? Antes de eu ser presidente, eu cansei de passar em universidade, em que o reitor me convidava para visitar banheiro sem papel higiênico, não tinha dinheiro; azulejo caindo, não tinha dinheiro para reparar; fiação toda caindo aos pedaços; grama na porta da reitoria, desse tamanho, porque não tinha dinheiro para comprar. Ou seja, era essa a situação da universidade brasileira. Como é que a gente poderia melhorar o país, se a gente não chamasse a sociedade para dizer: “Vamos ajudar a consertar esse país”. E tenho muito orgulho de dizer, meus caros magníficos reitores que estão assistindo pela TV, que não quero ser eu, o único, mas já carrego a primazia



de ser o primeiro Presidente da República que se reuniu todo ano com todos os reitores das escolas... das universidades federais, todos reitores dos Ifets e, mais ainda, com todos os estudantes representados pela União Nacional dos Estudantes, e não me tiraram um pedaço. Este dedo eu perdi, eu tinha 17 anos de idade, nem pensava ser Presidente da República.

É com muito mais orgulho ainda que, ao deixar a Presidência da República, eu assisto ao meu Ministro de Ciência e Tecnologia ir à SBPC, e ser aplaudido de pé. Fernando, não é novidade o ministro da Saúde, eles não tinham coragem de ir a uma universidade no dia da posse, imagina no final do mandato. E nós temos ido toda semana a universidade brasileira. Porque, na nossa cabeça, uma democracia, nela existe espaço para a pessoa levantar um cartaz contra, existe espaço para a pessoa levantar um cartaz a favor, existe espaço para uma vaia, existe espaço para um aplauso, nós não temos que ter medo disso. Nós não temos que ter medo dessas coisas; essas coisas é que vão consolidando, dentro de nós, a questão da democracia, o fortalecimento da democracia. Aquele Palácio do Planalto, bonito do jeito que era, aquele Palácio nós... Alguns falam que nós avacalhamos, quando, na verdade, nós democratizamos, porque ali era chique, ali era só para rei, rainha, príncipe e princesa, banqueiro ou empresário. E, ali, nós começamos a colocar todo mundo.

Eu lembro de um dia, Prefeito, que começou uma briga sobre a questão dos portadores de deficiência visual e os seus cães-guia, que a igreja não queria que entrasse, lá em Brasília, que o metrô não queria deixar os portadores de deficiência entrar com o cachorro no shopping, que o metrô estava proibindo as pessoas entrarem com o cachorro no shopping. O que eu fiz para mostrar que era preciso agir diferente? Eu trouxe para dentro do Palácio os portadores de deficiência visual e os seus cachorros, e nenhum desrespeitou o Palácio do Planalto e fez qualquer sujeira no Palácio do Planalto. Aliás, como é que a gente quer proibir alguém de entrar no Palácio e



deixar os seus olhos do lado de fora, que era o cachorro? Ali naquele Palácio entrou catador de papel, que nunca imaginou entrar. Ali naquele Palácio entraram moradores de rua, que nunca - e não precisaram trocar de roupa, não foi exigido trocar de roupa e nem [vir] de gravata, vieram do jeito que quiseram vir. Ali entrou sem-teto... Para que a gente estabelecesse uma nova relação entre o Estado e a sociedade, para que a gente não tivesse medo. Porque o político, ele tem uma deficiência mental, ou seja, na época da eleição, ele anda na rua de carro aberto fazendo assim para todo mundo, abraça todo mundo. Todo político, em época de eleição, fala mal de banqueiro, fala mal de empresário, fala mal de latifúndio, e fala bem do pobre. Não tem nada mais sagrado do que o pobre em época de eleição, não tem nada mais sagrado. Coloca uma criança rica e uma criança pobre, e coloca um político na frente, que ele vai logo na pobrezinha pegar para dar um beijinho. E depois que terminam as eleições, quem vai jantar com eles são os ricos e não os pobres.

Então, o que nós estamos querendo é mudar essa lógica, essa lógica preconceituosa que levou este país a tantos anos de atraso, a lógica perversa de que a inteligência era confundida com o conhecimento ou com anos de escolaridade, a lógica perversa de que Brasil deveria ser governado para 35% da sua população, e o resto é o resto. O preconceito que não permitia que um operário pudesse chegar à Presidência da República, no Brasil; um negro, a presidente na África do Sul; um índio, a presidente na Bolívia, e assim por diante, os preconceitos vão sendo derrubados, e agora um negro é eleito presidente nos Estados Unidos, para mostrar que é possível, através da democracia, a gente conquistar mais espaço.

A mim, me inquieta, companheiros, reitores, prefeitos e meu Ministro da Educação. A mim, me inquieta, muitas vezes, uma universidade não estar preocupada com o que está acontecendo fora da universidade, na sua cidade, num bairro. Às vezes, a universidade é encostada a uma favela, e você pergunta quantas vezes os alunos e professores foram passar um dia



conversando com aqueles favelados. Não foram porque não faz parte do *habitat* natural.

Eu acho que nós estamos num processo de evolução da consciência política da espécie humana no Brasil. As pessoas já não têm mais preconceito, porque o preconceito é uma doença. Ainda haverá alguém capaz de inventar uma ressonância magnética para descobrir preconceito, e dar uma injeção na cabeça do cidadão, e tirar o preconceito da cabeça dele, porque a mais perversa doença é o preconceito. A segunda é a inveja.

Bem, eu vou deixar, daqui a... Você me tirou vinte e poucos dias de mandato, meu! Eu perdi três eleições para poder ganhar, e você já me diminuiu para três meses. Faltam três meses e um pouquinho de dias. E cada dia vale ouro, porque nós temos muita coisa para inaugurar. Nós temos muita coisa, nós temos ainda umas 70 escolas técnicas para inaugurar antes de terminar o meu mandato, e nós vamos inaugurar uma a uma, porque quem vier vai ter que fazer mais, vai ter que fazer mais, porque o Brasil mudou de paradigma. A gente, antes... O Fernando Haddad não disse uma coisa aqui importante, que ele diz em outros lugares, que é o seguinte: não é... eu acho que hoje já estamos com 117 ou 118 extensões universitárias, tentando levar para todo o território nacional, de Manaus a Coari, de Pernambuco a Garanhuns, ou seja, tentando levar para o todo o território nacional braços das universidades federais, que eu não sei por que foram criadas só para capitais. Então, nós queremos, como diria Olívio Dutra, espriar, espriar por todo o território nacional as nossas universidades federais. Para quê? Porque nós estamos entrando num momento em o que Brasil já não pode se contentar em ser o maior exportador de carne do mundo, o maior exportador de minério de ferro do mundo, o maior exportador de suco de laranja do mundo, o maior exportador de café do mundo. Não, isso para nós já era, isso é coisa do século passado. No século XXI, nós temos que exportar outra coisa, nós temos que



exportar conhecimento, nós temos que exportar inteligência, e é isso que nós estamos fazendo, como estamos investindo aqui.

E queria terminar dizendo uma novidade, uma novidade que é o seguinte: nós, quando criamos o PAC da Ciência e Tecnologia, nós colocamos 41 bilhões no PAC. Foi a primeira vez, na história do Brasil... eu vou dizer assim: Nunca, antes, na história do Brasil, um programa de ciência e tecnologia tinha sido feito pelos cientistas. E o nosso programa foi feito pelos cientistas, que entregaram ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e nós adotamos o programa. Quando nós aprovamos, por unanimidade, no mundo acadêmico, eu criei uma comissão de acadêmicos para acompanhar a execução do programa. Nós vamos chegar, agora, em 31 de dezembro, investindo cada centavo do dinheiro que nós disponibilizamos. O que é mais importante é que este ano, na formação de doutores, as mulheres já são 51% contra 49% dos homens.

Essa é uma coisa, para mim, extraordinária porque, definitivamente, a natureza já tinha nos dado uma bordoadada quando fez as mulheres serem maioria que os homens na sociedade. E ela dá essa segunda bordoadada, mostrando que aquela história de neurônios, de massa encefálica mais desqualificada, de sexo fraco, tudo isso era coisa do machismo arraigado na cabeça de muitos homens que governaram a Humanidade. A mulher não veio... A mulher, ela não está de passagem pelo Planeta, ela não está de passagem na universidade, ela não está de passagem no comando das empresas, ela não está de passagem nos grandes escritórios, e muito menos ela está de passagem nas políticas. Elas vieram para ficar e, se permitirem, elas podem comandar.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
